

CORPO-ARTE, CORPO-SENTIDO, CORPO-LINGUAGEM

a constituição da sociedade/ sujeitos transgressores a partir de tatuagens

Josenildo Soares Bezerra¹
Soares.bezerra@gmail.com

O corpo do qual este estudo traz é senão um corpo que transgride as perspectivas vigentes normativas. Discutimos o corpo com matizes da arte, que está imerso em sentimentos e sentidos que o faz ser interpretado como corpos maculados e marginalizados devido suas intervenções textuais cravadas na pele. A cada nova experiência, seja ela de amor, dor, aprendizagem, ou mesmo, pelo viés da estética, estes corpos vêm assumindo cores tantas, com textos e imagens capazes de transcender meros dizeres de sentimentos e sensações. Assim, apresento os sujeitos deste artigo: pessoas que tatuaram seus corpos em nome dos sentimentos vivenciados e experimentados. A pele, passa a se tornar uma epiderme (da ordem da segunda pele) e o que surge aos olhos do social é uma pele milimetricamente pintada, riscada com temas dos mais diversos, imagens das mais policulturais representando o que sua oralidade não consegue expressar. Esse grupo consegue se perceber: a sua pele de fato é produzida ao longo da vida em cada pigmento adicionado que dão forma a uma gama de sentidos experienciais. O objetivo deste escrito é apresentar o corpo como da ordem da construção social e locus do sensível. O método pelo qual estes sujeitos foram pesquisado com base nos pilares de Foucault no terceiro domínio: o ser-consigo e as tecnologias do eu. Portanto, os sujeitos apresentam sua forma comunicativa e expressiva de sentimentos e emoções a partir de tatuagens encravadas na pele publicizadas e endeusadas pelos meios de comunicação. As lentes usadas para a interpretação destes sujeitos foram leituras foucaultianas do terceiro domínio: o ser-consigo. Concordamos com a premissa foucaultina que o primeiro ato é conhecer-se, descobrir-se para então, conhecer, descobrir e aceitar o outro. As transgressões neste autor é negar o que está posto e nos traz uma metodologia baseada em sua arqueologia, escavando saberes outros e buscando novas possibilidades de ser e de construir-se para além do que está posto. Usaremos os conceitos das tecnologias do eu e dos cuidados de si para o entendimento das falas dos sujeitos aqui analisados, além das discussões do conceito de discurso. Esses conceitos nos ajudarão a discorrer e explicar o que o tema propõe metaforicamente: corpo-arte – um corpo em que sua pele fora coberto por iconografia, textos e poesias; corpo-sentido – onde as imagens e as palavras expressão suas emoções e sensações, estilos de vida, filosofias e perspectivas religiosas; corpo-linguagem – para discorrer acerca de como o corpo traduz sentidos, interpretações tantas e plurais, associadas às imagens e textos, assumem conjunturas muito específicas. A escrita nos corpo é o enraizamento de si na carne, assim, tornar-se Ser meio as incertezas das transformações sociais.

Palavras Chave: Transformação; Corpo; Tatuagem; Sentidos; Tecnologias do Eu

¹ Universidade Potiguar – UnP
Doutorando em Linguística Aplicada e Professor nos cursos de Comunicação Social – Publicidade e Design Gráfico (UnP e Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN)

1. Mapeando os corpos tatuados e nossos desejos

Quero ficar no teu corpo Feito tatuagem
 Que é pra te dar coragem
 Prá seguir viagem
 Quando a noite vem...
 E também pra me perpetuar Em tua escrava
 Que você pega, esfrega
 Nega, mas não lava...
 Quero brincar no teu corpo Feito bailarina
 Que logo se alucina
 Salta e te ilumina
 Quando a noite vem...
 E nos músculos exaustos do teu braço
 Repousa frouxa, murcha
 Farta, morta de cansaço...
 Quero pesar feito cruz Nas tuas costas
 Que te retalha em postas
 Quando a noite vem...
 Quero ser a cicatriz risonha e corrosiva
 Marcada a frio
 Ferro e fogo
 Em carne viva...
 Corações de mãe, arpões sereias e serpentes
 Que te rabiscam
 O corpo todo
 Mas não sentes...

Chico Buarque de Holanda

Iniciar este texto com “Tatuagem”, música de Chico Buarque representa bem de que desejos e sujeitos falamos: sujeitos e corpos em plena construção de suas subjetividades, possibilidades de sentidos cambiantes, mediante uma plêiade de elementos constitutivos – são sujeitos modernos onde a transgressão é cotidiana a partir das tatuagens que adornam seus corpos, tornando sua pele, um livro pronto para ser lido e interpretado. A pele transformada em tela multicolorida, verdadeira obra de arte que cada um vai mudando seu status de sujeito a cada nova pintura na derme. Atravessaremos o texto com lentes foucaultiana para compreender o sujeito transgressor a partir dos conceitos de Discurso, transgressão, cuidado de si, tecnologias do eu e verdade. Subsidiando-nos com outros pensares, teremos autores que aproximam seus conceitos, aos conceitos basilares foucaultiano. Os sujeitos aqui discutidos fazem parte da pesquisa doutoral O Corpo tela e o cuidado de si: a constituição de subjetividades em práticas discursivas inscritas em tatuagens. Temos como objetivo apresentar sujeitos que cravam em seus corpos textos verbais e não verbais constituindo histórias a serem lidas por Outrem, corpos estes que transgridem os preconceitos vigentes na sociedade alocando-os na marginalidade, na falta de seriedade, pois ainda lutam para ter o direito de adornar seus corpos. Aqui, não trataremos apenas de adornos, mas sim, de construção de suas vidas, de suas histórias e de seus corpos com cores, textos e imagens que dizem muito de cada indivíduo. Histórias de vida, de amores, dores, superações, status, e também, com muita arte e ousadia.

O corpo, tela onde são reproduzidas as artes, inscrições e textos ora metafóricos, ora simbólicos e em casos muitos, inscrições nua e crua da realidade vivenciada, foi ao longo do tempo tornando-se um tema a ser explorado e vivido por nós. Grafar na pele aparente², tornando-a colorida, adornada e viva, traz esses sujeitos para o campo da interação social como capazes de enfrentarem as adversidades que são comuns aos sujeitos que transgridem as normas padrão da sociedade. Vestem-se

² Alcinha dada por Donna Haraway em Manifest for Cyborgs.

de cor e imagens e transformam seus corpos em verdadeiros outdoors em movimento a delatar suas experiências, desejos, angústias, irreverência e estilo de vida. Assim, é ao entrar no mundo dos sujeitos tatuados que começamos a entendê-los: sujeitos repletos de histórias e vivências que saltam da pele aos nossos olhos. Nem as marcas, nem tampouco os sujeitos que as leem estão fixados numa temporalidade e semântica únicas. Como sugere Foucault (1999, p. 5): “...o que olha e o que é olhado permutam-se incessantemente”. Assim, teremos sentidos diversos para as mesmas inscrições, dependendo em que discursividade encontrem-se.

Os sujeitos que fazem do seu corpo uma tela a ser produzida, realidades experienciais outras e, ao mesmo tempo, motivo de contemplação ou olhares de soslaio por tantos; chegaram para nós como possibilidade de pensarmos as novas formas de linguagem e suas produções de sentido. Tomamos como início a observação nas salas de aula do curso de Design Gráfico da Universidade Potiguar – UnP, lugar onde trabalho. A ocorrência de sujeitos com os corpos à mostra, vestindo-se com uma pele colorida e imagetivamente modificada era tanta e saltava-me aos olhos que alguma mensagem queria me dizer. Havia uma plêiade de sentidos que povoavam as falas: amores, desamores, frustrações, proteção, timidez, altivez entre tantas subjetivações do ser que ao conversar, não era uma ocorrência isolada e individual de representação. Dizia muito mais e com uma carga de sentimentos e de subjetividade atravessada pelo outro muito intensa. Eis que nos chega o Corpo tela e suas tecnologias na constituição do sujeito que cuida de si para enfrentar o social.

A busca dos sujeitos para os diálogos e a produção dos conhecimentos sobre tais marcas simbólicas deu-se através de uma rede de relacionamentos. Iniciamos com uma entrevistada conhecida e com o corpo já quase todo tatuado. A partir dessa, aparecem as indicações de amigos tatuados e tatuadores que são adeptos ao bodyart e que prezam pela produção de um diário em seu corpo. Costumamos afirmar que, em tempos líquidos modernos³, escrever as experiências no corpo para não esquecer, funciona como o antigo diário de cabeceira em que os segredos mais significativos eram escritos. Assim tatuados, eles dão formas, cores e sentidos que vão além do simples cravar na pele.

Usando a metáfora: a pele enquanto folha de papel e tinta a colorir e dar outro sentido a vida dos sujeitos. A tinta que cobre a carne e torna-se pele. As escritas no corpo apresentaram-se como possibilidade de subjetivação de um poder de enfrentar o social e encará-lo protegido/colorido como se fora uma carapaça firme contra a sensibilidade de cada sujeito já excluído do social. O pressuposto teórico do Cuidado de si foucaultiano, desenvolvido sob a égide cuidado consigo para cuidar depois do outro, conhecer-se em suas micro entrâncias, fragilidades e trabalhar seu eu com a finalidade de ter com o outro relações de trocas e práticas socioculturais capazes de serem reconhecidas como tal. Assim, apoiamo-nos no pressuposto filosófico hermenêutico *Epiméleiaheautoû*, que é o cuidado de si mesmo, ocupar-se consigo, de preocupar-se consigo, como o momento de perceber-se, despertar-se. É a partir desse conhecer-se que me é possibilitado ter com o outro um momento. Concluimos:

Enfim, com a noção de *Epiméleiaheautoû*, temos todos um *corpus* definido uma maneira de ser, uma atitude, formas de reflexão, práticas que constituem uma espécie de fenômeno extremamente importante, não somente na história das representações, nem somente na história das noções ou das teorias, mas na própria história da subjetividade ou, se quisermos, na história das práticas da subjetividade. (Foucault, 2010, p. 12)

Nossos sujeitos que atravessam esse discurso são intitulados modernos e atravessados pelo entendimento, entrecruzando-se com verdades e poder-saber. Como estes sujeitos se ocuparam consigo

³Zygmunt Bauman in Modernidade Líquida

para então ocuparem-se com os outros? Que artefatos se utilizaram para munirem-se de verdades tantas, capazes de enfrentar o olhar, a leitura de suas marcas corporais?

Eis um segundo conceito utilizado: as Tecnologias do eu, por permitir que os sujeitos desta tese modifiquem seus corpos, sua alma e pensamento com o intuito de viverem mais felizes e alcancarem mais sabedoria, pureza etc. As tecnologias do eu oportunizaram-lhes, a partir dos escritos corporais, subjetivarem verdades, experiências, e assim talharem seus corpos como uma forma de delatá-las. Cada novo adorno corporal, uma mudança, e em cada mudança, um outro corpo toma forma a partir de suas cores, textos e formas. Ler as tatuagens é entrar em contato com algumas possibilidades poéticas, outras simbólico-religiosas, prazeres e dores encravadas no ser. Tais tecnologias operam na conformidade corporal; ter um corpo como uma tela, onde os agentes sociais interagem a partir de leituras, de vivências e de olhares, produzindo-o com sua intertextualidade e interpretações tantas. Assim, concluímos que “*la historia del modo en que un individuo actúa sobre sí mismo, es decir, em la tecnologia del yo.*” (Foucault, 1990, P.49)

O terceiro conceito versa sobre o discurso foucaultiano. É inconcebível pensar os sujeitos desta pesquisa fora das relações que os constituem. Apresentamos, então, o conceito de discurso aqui aplicado: sujeito e discurso e sua constituição através das práticas sociais em que estão inseridos. Foucault nos apresenta esse emaranhado entre ambos:

Os discursos, tais como podemos ouvi-los, tais como podemos lê-los sob a forma de texto, não são, como se poderia esperar, um puro e simples entrecruzamento de coisas e de palavras: trama obscura das coisas, cadeia manifesta, visível e colorida das palavras; gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato [...] os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizares signos para designar coisas. É este *mais* que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (2009, p. 54-55)

O ir além da esfera sígnica aparente entre as palavras e as coisas é o que nos impulsiona a perceber que as marcas encarnadas dos nossos sujeitos saltam o corpo com cores e formas plurais e chegam aos nossos olhos repletos de sentidos. Sentidos esses que elaboramos e transformamos os sujeitos e seus textos em elementos de relações e práticas sociais. Não se trata aqui de universalizações discursivas, mas sim de tratar tais discursos em sua vivacidade e ação, representados pela história de vida dos sujeitos, suas relações de interesse; as tecnologias usadas para o refazer da pele que era, no falar dos sujeitos entrevistados, “apenas epiderme, carne exposta”; mas com as tatuagens, transformaram-na em pele aparente e protetora colorida, viva, alegre e com sentido. O texto impresso na pele, mas os sentidos construídos no corpo, nas experiências praticadas ao longo de seu viver. Le Breton (2002, p. 21) afirma: “*La marque est une limite symbolique dessinée sur la peau, elle une buté dans la recherche de signification et d’identité. Elle est une sorte de signature de soi par laquelle l’individu s’affirme dans une identité choisie.*”⁴

A interpretação das falas dos sujeitos pesquisados ancoradas na perspectiva imagética e/ou textual terá, como já citado, as tecnologias do eu elaboradas e experimentadas como forma do cuidado de si a partir das tatuagens que são capazes de reelaborar as subjetividades e os sujeitos, assim tornando-os mais habilitados de conviverem consigo mesmo e enfrentarem o espaço social munidos da proteção tegumentar. Como período analítico dessas práticas de si, decidimos pelas últimas décadas do século XX (anos 80 e 90) e sua transição para o século XXI com a perspectiva de uma sociedade contemporânea, líquida moderna, pós-moderna, entre tantos outros desígnios que nossos sujeitos são

⁴ A marca é uma limite simbólico desenhada sobre a pele, uma parada na busca de significado e identidade. É um tipo de assinatura de si, através da qual o indivíduo afirma-se na identidade escolhida.

intitulados. Essa temporalidade escolhida delata uma mudança nos conceitos de escrita sobre o corpo. Ela deixa a abjeção marginal para uma forma de transgressão, ora artística, ora expressão individual. Acerca da pele: *“Ser sí-mismo es, en primer lugar, tener una piel para sí y, en segundo lugar, servirse de ella como de un espacio donde situar sus sensaciones.”* (Anzieu, 2010, p. 62)

Então: ser-saber, ser-poder e ser-consigo conseguem esse feito, mas para efeito metodológico, acadêmico e temporal, usaremos as lentes terceiras para entender a tatuagem como uma tecnologia capaz de produzir o cuidado de si, produzindo assim certas intervenções em seu corpo para proporcionar-lhes felicidade, experiências, imortalidade. Tais intervenções significam, para estes sujeitos, formas de se subjetivarem e transgredirem as instituições sociais. Foucault (2009, p: 32) define nossos sujeitos transgressores como dito acima:

A transgressão é um gesto relativo ao limite; é aí, na tênue espessura da linha, que se manifesta o fulgor de sua passagem, mas talvez também sua trajetória na totalidade, sua própria origem. A linha que ele cruza poderia também ser todo o seu espaço. O jogo dos limites e da transgressão parece ser regido por uma obstinação simples: a transgressão transpõe e não cessa de recomeçar a transpor uma linha que, atrás dela, imediatamente se fecha de novo em um movimento de tênue memória, recusando então para o horizonte do intransponível.

Limite entre pele e carne, limite social, limite quantitativo de palavras a ser grafada no corpo, mas sem limite para as textualizações e experiências, para os sentidos, as cores, grafismos e sem limite para a quantidade de dor, sangue e tempo que transbordam experiências e possibilidades semânticas. O limite transgressor de adornar e dar novos sentidos às experiências, como citado por Foucault, é etéreo demais e jaz a cada instante, fazendo com que se façam novas tatuagens e se reconfigure um novo corpo.

Os discursos e suas dispersões e descontinuidades, bem como as mais diversas formas de produzir sentidos foi um dos inquietantes nesse estudo. A partir de então, pensar nesses discursos e nos sentidos advindos das marcas corporais encheram-me de curiosidade para desvendar possibilidades enunciativas de subjetivação talhadas a partir de tecnologias do eu, produtores de conhecimento de si para então lidar com o outro.

Assim, nossos sujeitos de pesquisa se encontram em uma sociedade onde lutas e movimentos sociais se pluralizam e reivindicam cada vez mais direitos ao corpo, à sexualidade, aos prazeres, à liberdade. Hall (2007) afirma que as velhas identidades que configuravam a estabilidade do mundo social estão em declínio, surgindo então fragmentos de sujeitos modernos. É essa tal modernidade que põe em cheque a tatuagem enquanto da ordem do “marginal”, e realoca-a em outras esferas, muitas vezes não tão diferentes dos discursos preconceituosos aos quais fora submetida por largos anos.

Porém, nossa preocupação não está no discurso preconceituoso, nem tampouco, em discursos verdadeiros, interessa-nos aqui entender como os sujeitos, munidos das tecnologias do eu, constituem suas subjetividades, como o cuidado de si reverbera no cuidado do outro, como as tecnologias da governamentalidade foucaultiana produzem sujeitos aptos ao governo de si para o governo do outro.

Praticando nossa analítica, dividimos o corpo em três esferas: corpo-arte: a construção do corpo/pele com elementos discursivos e imagéticos, poesia, músicas e literatura; corpo-linguagem: um corpo que simboliza um livro com toda a tessitura gravada, escrita dando sentido a quem ler, ou seja corpo-discurso e por fim, o corpo-sentido: ao olharmos, somos convidados a experienciar as cada traço cravado na carne e assim, darmos sentido às experiências tatuadas.

2. Metodologia

Esta tese teve abordagem qualitativa interpretativista ancorada na linguística aplicada indisciplinar (Moita Lopes, 2006). Para tanto, dar vida às vozes outras que aparecem repletas de sentido, sem a necessidade de encontrar respostas verdadeiras nem unívocas, mas sim de problematizá-las e trazê-las à luz para apontar novas questões sociais. Assim, apresentamos nossos sujeitos de pesquisa como seres da transgressão, que constituem novo campo do saber acerca da linguagem. Usando a metáfora: a pele enquanto folha de papel e tinta a colorir e dar outro sentido a vida dos sujeitos. A tinta que cobre a carne e torna-se pele.

O campo teórico metodológico desta pesquisa foi com bases foucaultianas e ancorada nos conceitos do Cuidado de Si, Tecnologias do Eu e Discurso para pensar os sujeitos e sua linguagem. Não podemos deixar de vislumbrar a perspectiva de J.J. Courtine de Intericonicidade, ou seja, atravessar as imagens e percebê-las com memória discursiva.

3. Corpo-Arte: a transgressão que está além do Belo

O corpo que transgride seus limites através da pele, dando-lhe possibilidade de vislumbrarmos painéis vivos como se fora um corpo-grafith, é senão, um corpo que reiventa-se para continuar sua caminhada subvertendo as ações cotidianas do sentir e fazendo-o parar a partir da escrita cravada na pele. Esta arte que modifica a pele e a deixa viva, como já citada outrora, salta aos olhos dos outros e se faz significar, tem em Bataille (2013:89) uma imersão do sujeito no social “*A transgressão organizada forma com o interdito um conjunto que define a vida social.*” Podemos intitular de organizada por serem pictografias com sentido coletivo. Não se tatua em qualquer lugar, qualquer signo e para qualquer um ver. Constatamos tatuagens que têm sentidos muito íntimos e abriga verdades compartilhadas por determinados sujeitos. Outras tantas são de uso coletivo e identificam escolas de arte, personagens que contribuem na produção da subjetividade dos seus adeptos. Assim, este corpo-arte, desvinculado de culpas, vai assumindo possibilidades artístico-discursiva das mais plurais possíveis. Não há mas limite para pintar-se, adornar-se e desnaturalizar o corpo sacro-santo. Este sujeito moderno, em que Foucault bem intitula na citação abaixo:

“O homem é uma invenção cuja recente data a arqueologia de nosso pensamento mostra facilmente. E talvez o fim próximo [...] Se estas disposições viessem a desaparecer tal como apareceram, se, por algum acontecimento de que podemos quando muito pressentir a possibilidade, mas de que não conhecemos ainda nem a forma nem a promessa, se desvanecessem, como aconteceu, na curva do século XVIII, com o solo do pensamento clássico – então se pode apostar que o homem desvaneceria, como, na orla do mar, um rosto de areia. (Foucault, 2002, P. 536)

Este conceito do Homem clássico do século XVIII que o segmentava num corpo máquina, impossibilitando uma unicidade do corpo e da mente, negava a corporeidade, o corpo que molda-se às possibilidades discursivas e suas práticas. Mais uma vez, em fins do século XX, vemos esse rosto desaparecer como uma imagem desenhada na areia. Entre um homem fraturado e o surgimento das Ciências Humanas que torna a ciência que o desvenda pouco a pouco através de áreas como Sociologia, antropologia, Psicologia, Filosofia, e depois a Psicanálise, põe o sujeito na possibilidades da finitude do saber e das muitas verdades. Hoje, em pleno século XXI, mais uma vez presenciamos a morte do sujeito como centro do saber. O campo das artes nos possibilita interpretar estes corpos como

da ordem do possível, do inimaginável: corpo a se transformar, a se reinventar independente dos conceitos “tradicionais” vigentes. Somos muitos estilos de ser.

4. **Corpo-sentido: constituindo sujeitos sociais**

Apropriando-se do conceito de tecnologias do Eu, temos a arte, a pintura, a tatuagem como uma *tékhnē* que vai promover experiências individuais e ao mesmo tempo coletiva, pois salta a nossos olhos que transbordam em subjetividades impressas e coloridas. Essa tecnologia que Foucault (2010) conceitua, são formas do indivíduo tornar-se eterno em seu momento discursivo. Cada tatuagem presentifica e eterniza suas experiências. Assim, resvala no cuidado de si, como um corpo em pelo alto-conhecimento eternizando suas experimentações. Experiências transformadas em arte, arte milenar de riscar-se, adornar-se e colorir a vida com tinta e imagens imemórias.

Apresentamos neste item um corpo que nossos sujeitos identificam como descartável, enfim, não mais como destino fixo das identidades. Le Breton define em Adeus ao corpo:

“O corpo não é mais apenas, em nossas sociedades contemporâneas, a determinação de uma identidade intangível, a encarnação irredutível do sujeito, o ser-no-mundo, mas uma construção, uma instância de conexão, um terminal, um objeto transitório e manipulável, suscetível de muitos emparelhamentos. Deixou de ser identidade de si, destino da pessoa, para se tornar um kit, uma soma de partes eventualmente descartáveis à disposição de um indivíduo apreendido em uma manipulação de si...” (2003:28)

O corpo que o autor apresenta coaduna com um corpo dócil, com identidades fragmentadas e possível de se ressignificar a cada nova experiência afastando qualquer possibilidade de fixidez identitária. Esse corpo que Rose (2001) a impregnação de vivências, de saberes e discursos. O autor afirma que inventamos nossos eus a partir de está no mundo. O corpo social é constituído no século XXI de fragmentos poliformes e polifônicos. Poliforme na sua apresentação física transbordante de imagens, de intervenções, tornando assim, uma sociedade em que o normal é ser diverso. Corpos Polifônico no que tange aos discursos que nos dão identidades. Somos corpos-discursos atravessado pelo dizer do outro. A constituição de si encontra-se firmemente atrelada à constituição do outro. Assim “...o ser humano em variadas formas de sujeito, em seres capazes de tomar a si próprios como os sujeitos de suas próprias práticas de outros sobre si.” (Rose, 2001, p. 142)

5. **O corpo-linguagem: uma pele textualizada**

Discutiremos o conceito de discurso e formação discursiva que atravessam e textualizam os corpos transgressores a partir dos textos, imagens e experiências coloridas que saltitam nosso olhar. Os discursos tatuados em sua grande maioria apresentamos indivíduos construtores de suas subjetividades e de signos culturais que expressam sentimentos e emoções vivenciadas. Tais sujeitos dizem autores de seus discursos, pois incarnam com paleta de cores, desenhos e grafias, textos repletos de sentidos que são fragmentos de si. Rose (2001, p. 141) anuncia que “...temos a *individuação de um dia, de uma estação, de um ano, de uma vida, de um clima, de um vento, de uma neblina...*”. É esse corpo/sujeito que transforma-se a cada imagem, que tatua suas dores e angústias, ora, seus amores e desejos, sonhos e experiências que são riscadas e dão uma nova pele, inserindo-os no social esteticamente adornado.

Esse corpo textualizado apresenta-se como um aparato a ser lido, interpretado, solvido pelo olhar de admiradores e curiosos. Orlandi (2004) afirma que não há distância entre o corpo e a letra, as imagens, as cores que embelezam e reconfiguram novos corpos. [...] O corpo é o lugar material em que

acontece a significação, lugar de inscrição, manifestação do grafismo, pintura e texto[...]. Linguagem que comunica e anuncia sujeitos outros, sujeitos que cuidam de si para enfrentar o social. Cuidado consigo, com o corpo, com o texto a ser lido por outrem. Assim, concluímos:

O cuidado de si é uma espécie de agulhão que deve ser implantado na carne dos homens, cravado na sua existência, e constitui um princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no curso da existência. (Foucault, 2012, P. 9)

Essa tecnologia de acesso a si, uma atitude para consigo, constitui também uma atitude para com o outro, pois muito do que é tatuado, está imerso no simbólico, alcançando assim, a leiturabilidade dos sujeitos. Os sujeitos cravam na pele suas subjetividades em cor, textos que exprimem a qualidade de autor, que refletem a individualidade. Uma das entrevistadas assume que cada tatuagem que rompe sua pele é como se fosse um tijolo que constrói si a mesma. Então, acredita, que há uma verdade exposta para o outro. Verdade que acreditamos ser situacional e que não tem o crivo de unicidade. Cada nova iconografia, uma nova verdade. Assim, o corpo está repleto de verdades que alternam seu dizer a cada traço e desejo cravado. Sujeitos modernos em que o discurso da verdade não encerra em si, nem tampouco a verdade é capaz de dizer quem são.

Foucault afirma que discurso são conjuntos de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem as mesmas regras de funcionamento. Corpos que trazem enunciados dos mais variados, pois denotam vivências transformadas em textos e grafismos assinados com o próprio sangue como paralisação do instante e sua restauração no corpo. Ao olhar cada sujeito tatuado, trazemos a tona suas experiências, revivendo-as. Experiências textuais carregada de sentimentalidade.

A pele para Le Breton (2002) é a hospitaleira limítrofe das intervenções culturais entre o animal racional e sua socialização. A pele modificada como um pré-requisito de sua existência, pois para o autor, a cidade é plena de indivíduos visuais. Meio a tanta imagem inerte, o sujeito que expressa seus sentimentos através dos escritos corporais, torna-se uma vedete aos olhos do social. O corpo tatuado figura como uma formação discursiva foucaultiana que intitula como um conjunto de regras anônimas e históricas, mas sempre referentes a um tempo e ao espaço, condições de exercício da função enunciativa. Um corpo multicolorido e interdiscursivo, pois é necessário das vivências com outros e de suas verdades para formarem-se as suas.

Considerando

Trazer os conceitos de transgressão, discurso, formação discursiva e tecnologias do eu, encravadas na pele aponta para sujeitos em pleno dis (curso) da vida. É preciso transformar práticas e teorias em possibilidades de entender o sujeito moderno que subjaz a condição de fixidez. Nossos sujeitos são transgressores, pois encontram-se no limiar das mudanças. Mudanças de pele, de sentimentos e de verdades. Discurso enquanto modalidades enunciativas de praticar o social e no social, deixa-nos o campo aberto para as muitas verdades, assim, existir. Existir em cor, em traços e formas delineando um corpo texto, a ser explorado em suas muitas possibilidades enunciativas. Cuidar de si, tatuando experiências e sentimentalidades na carne não significa compor-se em verdades únicas, mas encravar significantes cambiáveis de acordo com quem as ler. É esse o corpo dos sujeitos que vivem transgredindo a pele presentificando suas emoções, a social, pois lhes apresentam novas possibilidades de existir e a linguagem, como possibilitadora das variantes de interpretação, de sentido, assim, de sujeitos.

REFERÊNCIAS

ANZIEU, Didier (2010). **El yo-piel**. Editora Biblioteca Nueva: Madri.

BATAILLE, Georges,(2013). **O erotismo**. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

CASTRO, Edgardo, (2009). **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: autêntica Editora.

FOUCAULT, Michel, (1990). **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1990) **Tecnologías del Yo**: Y otros textos afines. Ediciones Paidós Ibérica, S.A. Barcelona.

_____. (2009). **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

_____. (2010). **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no Collège de France (1981 – 1982). Tradução Mario Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. (Obras de Michel Foucault)

_____. (2009). **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Tradução Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

LE BRETON, David,(2002). **Signes D'identité**: tatouages, piercings et autres marques corporelles. Éditions Métailié: Paris.

_____. (2003). **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus.

Orlandi, Eni P. (2007). **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 7ª edição, Campinas, SP: Pontes.

_____. (2004). **Cidade dos Sentidos**. Campinas, SP: Pontes.

REVEL, Judith,(2011). **Dicionário Foucault**. Tradução Anderson Alexandre da Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária.